

a feira

bárbara lopes



venono

Desenho da capa: Bárbara Lopes

Este volume está sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)

veneno

2015

[vejam as outras edições em veneno.pt](http://veneno.pt)

bárbara lopes

Bárbara Lopes tem 23 anos. Vive e trabalha no Seixal, onde mantém um atelier.

Licenciada em 2013 pela FBAUL (Pintura), encontra-se actualmente a explorar a ilustração infantil, a escrita e a banda desenhada. Contribuiu com trabalhos semanais para a revista Q.I. do Diário de Notícias no início de 2014 e, em Novembro do mesmo ano, o seu conto A Noite e a Luz foi publicado na Colectânea Penélope, pela editora Livros de Ontem.

Mais recentemente contribuiu com uma ilustração para um artigo da Gerador #3.

a feira

Entrei na feira.

O barulho das gentes é sempre ensurdecador nestas coisas. E ainda bem que é assim. Apesar da minha entrada discreta, fui de imediato mencionado nos altifalantes da primeira roulotte, seduzido a comprar dezassete trapos de Barcelos por uma nota azul.

“É baratinho! O senhor aí tão desanimado, venha cá ver estas belezas! Ofereça à senhora, que elas gostam sempre disto lá por casa!”

“A Ana nunca gostou disso lá por casa.” – era o que teria dito, mas claro que não lhe respondi.

Desviei-me das gordas vestidas em padrões dilacerantes ao olhar e continuei rumo às luzes e ao barulho. Começava agora a entrar naquele solo de terra batida do qual me esqueci antes de sair de casa. Estas sandálias tipo “turista inglês no Algarve” vão deixar penetrar tudo o que seja pedra, vidro e beata e quando regressar a casa vou ter os pés cheios de pó, senão mesmo trilhados.

Mas isso não é tão mau como perder a Ana.

Entrei na feira e enchi-me de luzes.

Esqueço-me dos pés e mergulho nas ruas de néons coloridos, cada um mais irritante que o outro, pregões de farturas, filas para o algodão doce, famílias inteiras gritando entre si, tentando não se perder no mar de cabeças.

A tormenta exterior é o sossego da mente.

Andar é uma luta. Sinto-me um salmão subindo o rio para a desova. Roço e embato em toda a espécie de gente; e eu sou um rapaz educado, se dou/me dão um encontrão viro-me de imediato, tento encontrar aquele olhar de “peço desculpa/não foi nada” fitando-me com a mesma urgência que o meu.

Mas aqui não. Aqui todas estas pessoas têm plena noção que o que está à sua volta não é ar nem espaço – é gente, é cabelos oleosos na cara, é seres eléctricos de sessenta centímetros a viverem a anarquia do mundo das pernas, é pele luzidia do suor que ao fim da noite acaba por cristalizar em sal, é barrigas e seios ridiculamente projectados, decotes exibidos com orgulho, ora apetecidos, ora invejados, é cigarros acesos brandidos como se fossem azedas na primavera, penteados ridículos e indumentária que os ultrapassa, é velhotas de andarilho que não deviam estar nestas andanças e carrinhos de bebé na mesma situação; é, por fim, uma pisadela de quando em vez.

O desgoverno desta gente tira-me do meu. E que bem me sabe.

Navego e navego, e apanho um certo ritmo do navegar. Avanço mais depressa, mais certo. Embora certo seja o que menos me sinto. Mas é isso que importa, navegar, não é? Os Xutos dizem que sim.

Não me lembro de alguma vez me ter sentido tão desamparado – chega até a ser estúpido. Tento não me achar assim, quero racionalizar a coisa, pensar “não é doença nem morte”, mas tem vindo a revelar-se um duelo difícil e a razão parece resvalar a cada confronto. Nenhuma terra que piso parece capaz de me suportar. Cada vez que dou um passo, sou engolido. Não tenho chão onde cair nem ar para encher o peito. Quer dizer, isso ele lá se enche, porque o vejo a subir quando respiro deitado, mas há sempre um canto onde o ar não chega.

O navegar leva-me para junto das bancas e passo o olhar pela variedade de bugiganga.

Camadas e camadas de tralha fútil. Acessórios, roupa, cintos, malas, carteiras, etc. Não se vêem os cantos à mesa.

Não sei dizer o número de vezes que a Ana implorou que eu arranjasse uma carteira nova. Tenho um buraco no bolso das moedas, largo o suficiente para passar uma de dois cêntimos; sempre o vi como uma boa desculpa para despachar os trocos, mas ela não achava piada. Ameaçava oferecer-me uma mas eu, de pé atrás, recusava sempre. Sou daquelas pessoas que nunca gosta de nada escolhido por outros. Quando me aparecem com qualquer coisa de pobre gosto lá vou eu contrair o risório e contentar-me com o gesto. Ela nunca me chegou a oferecer. Pergunto-me se até teria gostado da escolha.

Não ofereceu a carteira e levou-me um canto do peito.

O rapaz mulato, de isqueiro em mão, viu-me a passar pela mercadoria com olhos perdidos e assegurou-me que eram de pele verdadeira. Ouviu-se o raspar das faíscas falhadas e assim que o vento deixou arder, fez questão de levar uma das carteiras à chama para mo confirmar. De facto, deixava nas narinas um cheiro a bicho queimado.

Nisto começa ele a revirar as caixas, a pôr umas à frente e outras atrás – uma panóplia de carteiras e bolsas todas à espera do meu veredicto. O mulato empilhava-as umas nas outras a jeito de cachorrinhos que se debatem para sem adoptados. “Não gosta destas?” Atira o braço para debaixo da banca e saca de lá mais uma caixa. Abre-a e desembulha uma das carteiras ao acaso. Era aquela ali. Aquela cor de mogno antigo que ela escolheria para mim, não tenho dúvida.

Paguei, dei uns trocos ao rapaz e voltei a mergulhar na gente.

Quem sabe quanto tempo leva um canto a crescer outra vez. Não sou um homem apressado, até porque a pressa é inimiga da perfeição, mas não gosto de me sentir em suspenso. Os dias não avançam e eu não encho o peito de ar. Como se aquela tarde fosse um beco sem saída do tempo, e eu não pudesse continuar; só inverter a marcha. O

sol nasce e põe-se, os ponteiros rodam e o mundo vive, mas para mim nunca vem um dia novo. Há um mês que tem sido sempre o mesmo dia.

Não jantei, mas não me apetece. Para comer mal, como em casa. Fui beber café à primeira roulote com uma máquina decente (odeio café de cápsula, meras aguadas sépia com travo de alumínio, ornadas duma coroa de espuma a lembrar as margens dos rios poluídos).

Ao procurar uma mesa livre, troco um olhar súbito com um amigo meu, algo que preferia ter evitado. Há situações que até dá para escapar a este tipo de encontros – o típico “olha ’tou mesmo com pressa agora, mas temos de combinar um jantar um dia destes” é um deles. Outro podia ser “Estavas lá? Ah, cortaste o cabelo, pá, nem te reconheci!”. Neste cenário porém, não pude empregar nenhum dos dois e sucumbi à humilde mesa do meu amigo.

A Ana era muito dada aos amigos. Tanto que me deixou por um. Mas não foi este; este era só mesmo um amigo nosso. Fala-me da “famelga”, que os putos estão com o cunhado nos carrinhos de choque e a mulher anda por aí com a sobrinha a ver duma mala baratucha, que está de férias, mas que volta ao escritório daqui a três dias, e que aquele carço afinal não era nada, graças a Deus. Seguidamente dobra a esquina da conversa, como já se previa.

“E a Ana?”

Mexo o meu café, à espera que arrefeça. “Imagino que esteja bem”. É a verdade, se estivesse mal já teria voltado. “Desapareceu do mapa e nunca mais me disse nada. E eu não sei onde o outro vive”. Bebo metade do café num trago. Sabia a queimado.

“ 'Tou a ver. Isso foi mesmo repentino, a minha mulher ficou parva. E tu, como estás?”

Não quero insultá-lo. Não quero mandá-lo à merda. Não quero esmagar este miserável copo de plástico na mão e ter o café morno a espremer-se-me pelos dedos. Não quero mesmo. “Eu vou indo, uns dias melhor, outros pior.” É mentira, são todos o mesmo buraco, mas não quero parecer depressivo e alongar a conversa.

“Eu percebo. Tens de te distrair, pá. Fizeste bem em vir cá à feira. Queres juntar-te à gente?”

Recuso mais educadamente na voz que em mente. “Fica para outro dia.” Acabo o meu café num segundo trago. Marcou-se um hipotético jantar na semana seguinte, que ambos tencionam falhar, e seguiu cada um para seu lado. Regresso à corrente e torno navegar, agora um pouco mais à deriva.

A Ana e o tal amigo fugiram enquanto eu estava no emprego e esconderam-se logo no covil. Ela, em troca do meu canto, deixou-me os quatro de um post-it – no meio deles, quatro palavras também:

“Tenho de ir. Desculpa.”

Para alguém de fora, isto não parece anunciar necessariamente uma separação. Para mim foi um tiro de sniper, devidamente apontado à cabeça, de efeito imediato. Li, procurei mais no verso do post-it, em vã; só papel amarelo, escrito dum lado.

“Tenho de ir. Desculpa.”

Nada sobre o porquê, nem onde, nem quem. O quem até nem era preciso. O amigo da secundária. Vão beber um café e pôr a conversa em dia. Não chegou aos três cafés para

me comecem a visualizar com um par de cornos. Foi uma fuga simples até – uma rapidinha na cama ainda quente do meu sono, fazer a mala, escrever o post-it, levar o lixo e trancar a porta.

Afastado o fairplay, negada essa pequena satisfação de lhe partir a fuça nas sete peças do Tangram, deixaram-me num duelo contra dois dragões. Certos dias é uma luta entre mim e a raiva. Entre mim e a insanidade de ir bater a cada porta do país perguntar pela Ana. E demolir cada casa onde ela não estivesse, para não me perder nas contas. O outro dragão é o desespero. Uma luta contra o arrastar do tempo, o acordar sem saber porquê. Não sou daqueles “agarrados” – não vivia para ela. Mas não é natural aquela cama meio vazia durante a noite, nem os lençóis frios. O silêncio que me recebe em casa é uma serpente escorregadia que sufoca e contrai o aperto a cada hora que passa. Não há vida, não há nada. Tudo está exactamente como deixei. Como a Ana deixou.

Chego às roulotes dos jogos. Fico sempre espantado com a quantidade de malta que em vez de comprar um peluche no chinês, prefere ganhá-lo, gastando o triplo do dinheiro, mas regressando a casa de peito inchado, confirmado senhor da noite pelo universo. Há sempre aquele miúdo a vestir-se de cavaleiro quando consegue finalmente derrubar as latas todas e oferecer o urso gigante à namorada de três semanas. Aquelas bancas do género WildWildWest são habitadas por fãs de GTA, que acreditam de coração que a prática do tiro exaustivamente treinada num comando de consola às tantas da manhã pode traduzir-se directamente para uma caçadeira de plástico. Ainda mais delirantes, são os ex-militares que vêm cá provar o seu “skill” – é que, tenhamos atenção, não é à toa que se chamam jogos da sorte. Estes VanDammes da suburbia carregam a sua arma madeintaiwan devidamente mal afinada, afastam ligeiramente as pernas, costas direitas, pontaria mestra.. e sai ao lado, para grande surpresa do atirador. Falta de prática, acusa a dona da roulote através pelo microfone.

A Ana dizia que...

Não. Não quero mais falar dela, mas que merda! Só ela, só ela! Porcaria, que se foda, mas é! Que se foda ela e o cabrão dela e tudo!

Respiro fundo e apanho o cheiro dos couratos a chamuscar na grelha.

Estas noites de verão não merecem o nome. O sol esconde-se de dia, esforça-se por aquecer as terras e o ar. As tardes lentas trazem os ventos da costa. As noites fazem-se frias e húmidas e a as gargantas, se não bebem para esquecer, bebem para aquecer.

Agarro num banco alto, daqueles que os putos estragam de tanto os fazer girar, e sento-me ao balcão. Não sei dizer qual é, é qualquer um – são todos o mesmo guichet da desgraça para os que se auto-medicam. “Que vai ser?”

“Jameson.”

Belos tempos de faculdade. Podemos exigir todos os sacrifícios do nosso corpo que ele volta ainda melhor, mais sábio, mais experiente.

Ah, o barzinho do sôr Brennan, irlandês de sangue, mas não de espírito; que ainda na juventude lhe falaram num canto do continente onde havia o mesmo gosto pela pinga, com mais sol e menos cacimba. Vendido! Lá se foi instalar perto da faculdade, servindo hordas de estudantes que ao longo dos tempos aprenderam a preferir uma longa conversa inebriada às luzes psicadélicas e violações auditivas das discotecas. Ora, o sôr Brennan deixou a Ilha Esmeralda, mas não perdeu o bom gosto, de maneira que podíamos sempre contar com um stock saudável de whiskey Jameson, cidra Bulmers e Guinness. Alguns caloiros perguntavam por Baileys e o sôr Brennan, a rir-se, dizia que não vendia “leitinho com sabores”.

Parávamos lá muito nesses tempos. A Ana contentava-se com uma imperial e eu entretinha a garganta com Jameson. O pai dela era um bêbado irremediável, então tudo o que passasse dos 10% de álcool não era com ela. Uma noite, pela noite a dentro, sentei-me ao balcão, num banco semelhante a este, e encostava-me já animado às conversas do sôr Brennan, nas quais fazia sempre questão de partilhar a sua experiência

do submundo feminino, mesmo que não fosse necessariamente esse o rumo que a conversa parecia puxar. Depois de uma piada arriscada e uma sonora gargalhada pega-me pelo ombro e aproxima-me da sua barba dourada – “Falando a sério filho, eu não punha o meu dinheiro nessa tua mulher. Fica ali sempre agarrada à cerveja, a bebericar a espuma sem dar um trago de jeito.”

“E então, sôr Brennan? A rapariga não gosta de beber.”

“Então não beba! Ela não quer é ficar de mão vazia num bar – pede uma cerveja barata, sem gostar e fica a dar-lhe beijinhos secos o serão inteiro. Acredita filho, ela está a fazer tempo até encontrar melhor.”

“Melhor cerveja?”

“Melhor homem.”

“Sôr Brennan, vá aviar uma do cu e deixe-se dessas merdas de velhos.”

O aviso passou por cima de mim como um avião de papel, leve e ingénuo. Continuámos com risos e boas intenções e eu acabei por apagar quase tudo quando me enterrei na cama do dormitório. A única coisa que guardei dessa noite foi o palpite bêbado do sôr Brennan – palpite que, no rebentar desta angústia, já tive por agoiro antigo, e que me deixou irado, sedento de sangue irlandês mas que, ultimamente, tenho tido por perspicácia, por aviso de amigo e que no final de contas só me revela cego, incauto e estúpido.

O que me serviram neste balcão azul-sujo não foi nem perto de Jameson, mas calei-me e embalei a bebida nas mãos. O bom sôr Brennan acabou por fechar. Agora o bar é uma discoteca, mantiveram a estrutura rústica, mas apedrejaram-na de holofotes, lasers e colunas de som. Os tempos de faculdade já lá vão. Saíram apressados. Não quiseram esperar que uma pessoa aprendesse a vida real, como é não ter tempo, perder os amigos de vista, sentir cada erro na pele no dia seguinte. Ninguém ensina a envelhecer — sim, porque aos trinta já passámos o cume da montanha russa; a partir daqui é sempre a descer, aos gritos. Não é a gravidade que nos puxa, são as responsabilidades que teimam em montar fardo nas nossas costas. Desses tempos de leveza ficou o meu

gosto por whiskey irlandês e os meus sacrifícios por ele.

Ouro potável. Tem um requinte bruto ao descer que mais nenhuma ambrósia dos homens tem. Pressinto-o agora, ao controlar de um lado para o outro o fluxo líquido no copo, assistindo ao mingar do gelo em tempo real.

Foi pouco depois de vivermos juntos que parei de beber. Ela achava “auto-destrutivo” e “egoísta”. Aguentou durante o namoro, mas não estava disposta a mais. Se visse um copo servido na mesinha ao serão, não me olhava nos olhos nem me dirigia a palavra o resto da noite. Uma vez ouvi-a na cama a chorar, e foi a última vez que bebi whiskey. É em alturas de necessidade que se visita um velho amigo.

...

Mau whiskey é como mau sexo. É sempre algo bom.

Dissolvo o crespo trago e peço uma dose gémea.

Começo a sentir-me curado.

Deixo-me invadir por tudo o que não sou eu. O relato desfocado do jogo na tv, os velhos a bater as minis no balcão a cada gole. Fumos espessos. Luzes, luzes, luzes.

Tudo se dissolve. À minha volta uma constante tempestade de gente, murmúrios em forma de flecha rasando os meus ouvidos, coisas e não-coisas, guinchos e rugidos. Um rio da vida a passar-me pelas costas embrenha-me mais no copo – vazio.

“Outro.”

Pôr-me num copo. Separado do mundo por paredes de vidro e chão côncavo. Achar conforto lá, recluso de vontade própria. Pensando bem, é o que sou agora. Um ser fechado em muralhas que não se vêem. Não me deixam comer, não me deixam pôr de pé nem respirar fundo. Estou preso nesta coisa que não posso lutar. Não sai, não cansa. Não é corda de partir nem porta de arrombar. Quem me dera as duas pernas partidas – que um canto a faltar é uma desgraça de merda.

E a garganta que arranha já do whiskey e da promessa de choro.

O homem do bar pergunta-me se vim a conduzir. Respondo que não, que vim conduzido. Ele duvida da minha resposta, mas na realidade, não se importa muito. Quem é que quer saber de um bêbado cornudo?

Pago a conta e afasto-me do balcão azul e do tilintar das cervejas.

O ar move-se mais lentamente agora. O tempo parou só para mim. Navego numa linha menos direita em direcção às luzes dos carrosséis, encho o peito de ar, menos o canto sumido, e deixo-me engolir pelas luzes psicadélicas, que mesmo de olhos cerrados, atravessam as minhas pálpebras e tatuam-se-me na mente – pintam focos e estrelas e auroras abafadas. Queimam-me as memórias podres, excomungam-nas para algum recanto escuro e mesquinho da mente. Astros que seguem a batida da música barata, assim como todas as funções e pulsações do meu corpo. Sinto-me elevado, como se fosse maior que todos os problemas desta gente terrena. Dou-me a tudo isto.

E à Ana também.

Levem-me daqui. Levem-me para casa e deixem-me apodrecer entre quatro cantos.